

“Selvagens mais que o bruto polifemo”: a representação dos
imigrantes em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de
Luiz Ruffato

Ívens Matozo Silva¹

Xênia Amaral Matos²

Aulus Mandagará Martins³

Resumo: O presente artigo possui o objetivo de analisar de que forma a situação dos imigrantes é representada na diegese *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato, assim como verificar que identidades lhes são impostas pelas demais personagens. Para isso, embasamos nossa análise literária nos pressupostos teóricos desenvolvidos por Stuart Hall (2003) e Eric Landowski (2013). Através dos resultados obtidos, foi possível verificar as variadas situações de miséria e subdesenvolvimento pelas quais os imigrantes são representados no romance. Além disso, a identidade do imigrante que se dirige a sua antiga metrópole acaba adquirindo um valor e um peso metafórico fortemente negativo devido à depreciação da sua diferença.

Palavras-chave: Imigrantes. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. Luiz Ruffato.

Abstract: The present paper aims at analyzing how the situation of the immigrants is depicted in the novel *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), written by the contemporary Brazilian author Luiz Ruffato, in addition to verifying what sort of identities are imposed upon them by other characters. In order to do so, we based our analysis on the studies developed by Stuart Hall (2003) and Eric Landowski (2013). Through the analysis developed, it was possible to perceive many situations of misery and underdevelopment in which immigrants are described in the novel. Furthermore, their identities gain a heavy and negative metaphorical burden due to the depreciation of their difference.

Keywords: Immigrants. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. Luiz Ruffato.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bolsista CAPES/DS. Graduado em Letras – Inglês e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: ivens_matozo@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista CAPES/DS. Graduada em Letras – Inglês e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: lizza_amaral_matos@hotmail.com

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor de Literatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: aulus.mm@gmail.com

Considerações iniciais

“[...] de cada país eu levo assim uma graça, um souvenir volátil”
Chico Buarque, *Budapeste* (2003).

O crescente avanço da globalização, o fácil acesso ao uso das novas tecnologias e dos novos meios de comunicação são apenas alguns exemplos que nos ajudam a caracterizar o atual momento em que vivemos, ou seja, uma contemporaneidade regida pelo poder dominador da informação e da *World Wide Web*. Nessa perspectiva, a realização de um olhar panorâmico sobre o tempo presente possibilita-nos verificar a presença de um verdadeiro encurtamento das distâncias e uma maior abertura das fronteiras, ambas analisadas aqui tanto em seus aspectos geográficos quanto culturais. Por conseguinte, por intermédio desses fatores de ordem política, econômica e social, observamos um contato cada vez mais intenso entre povos e culturas das mais distintas partes do globo.

Diante desse cenário de frequentes interações interculturais, a questão da migração e dos deslocamentos culturais vêm se constituindo como temas de primeira ordem. Tais assuntos vêm alcançando um destaque cada vez mais amplo no cenário literário contemporâneo e suscitando um número significativo de estudos que propõem analisar de que forma a literatura ficcionaliza e posiciona-se diante das questões relativas às mobilidades culturais, bem como investigar as diferentes possibilidades de entrelaçamento entre o ficcional e o seu comprometimento com o social.

Ao focarmos nossa atenção na literatura brasileira contemporânea, observamos duas características que se sobressaem acerca da temática migratória. Em primeiro lugar, que em solo brasileiro o assunto é explorado por diferentes escritores, como é o caso da autora



Ana Miranda e do seu romance *Amrik* (1997), o qual explora as vicissitudes enfrentadas pelos imigrantes libaneses, bem como *Berkeley em Bellagio* (2002), de João Gilberto Noll, cujo enredo descreve as angústias de uma personagem que vive num país com uma cultura e uma língua diferente.

Todavia, apesar do tema ser abordado nesse contexto literário, através da presença de protagonistas, em sua grande maioria, pertencentes à classe média os quais viajam em busca de um autoconhecimento e para lugares com um grande apelo comercial, verificamos um silenciamento em relação à questão do fluxo de pessoas entre países da comunidade lusófona, fato este que justifica a necessidade de maiores pesquisas acerca do tema, apresentando-nos, dessa forma, um campo de estudos ainda a ser desbravado.

Nesse sentido, o presente artigo se inscreve nesse percurso de reflexão sobre a condição migrante contemporânea, tendo seu enfoque centrado nas representações das mobilidades entre os países lusófonos. Para tanto, selecionamos como *corpus* de análise literária o romance *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), do escritor mineiro Luiz Ruffato, por essa obra ser uma narrativa que problematiza a possível diluição das fronteiras e por problematizar as adversidades enfrentadas pelos colonizados. Nesse caso os brasileiros, que se dirigem para a sua antiga metrópole, Portugal, estando cegos ou guiados pelo sonho da riqueza e arriscando suas vidas em busca de dinheiro e melhores condições de vida.

A partir dessas considerações iniciais, o presente trabalho possui o objetivo de analisar de que forma a situação dos imigrantes é representada na narrativa *Estive em Lisboa e lembrei de você* e verificar que tipos de identidades lhes são impostas pelas demais personagens. Para tanto, embasamos nossa análise nos pressupostos teóricos

desenvolvidos por Stuart Hall (2003) e Eric Landowski (2013).

Natural da cidade de Cataguases, Minas Gerais, o escritor Luiz Ruffato possui uma trajetória profissional um tanto incomum até decidir debruçar-se integralmente à literatura. Conforme o autor revela em diversas entrevistas e depoimentos, ele já trabalhou como pipoqueiro, operário têxtil, vendedor de livros, balconista, jornalista, dentre outras profissões. Iniciou sua carreira literária participando como coautor da obra *O homem que tece* (1979), seguido por *Cotidiano do medo* (1984) e a sua coletânea de contos *História de remorso e rancores* (1998). Desde então, observa-se que Ruffato apresenta uma frutífera produção literária, a qual compreende publicações de romances, poemas, ensaios e organizações de antologias.

Seu amadurecimento literário surge com a publicação do seu romance mais conhecido e complexo, *Eles eram muitos cavalos* (2001), traduzida para o francês, o italiano, o espanhol e que lhe rendeu dois prêmios: o APCA, da Associação Paulista de críticos de Arte, e o Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional. Ao realizar uma leitura das primeiras obras de Ruffato, o crítico Ignácio Loyola Brandão, observando a atenção dada pelo escritor em transpor para as páginas dos seus poemas, contos e romances uma preocupação com as questões sociais, chegou a afirmar que: “aqui está um autor que espicaça [...] procura cutucar apunhalar o conformismo, tirar as pessoas da acomodação” (LOYOLA, 1998 *apud* ZAMBERLAN, 2014, p. 12).

A inclusão dos elementos externos à configuração narrativa ganha expressão em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, romance publicado em 2009. Resultado do projeto literário “Amores Expressos”, desenvolvido pela editora Companhia das Letras, o romance possui como pano de fundo a cidade de Lisboa e tem como principal *motivo*



a condição migrante contemporânea. Ademais, por intermédio do estudo crítico da obra de Ruffato, torna-se possível realizarmos um paralelo e uma releitura crítica da viagem realizada por Vasco da Gama às Índias expresso na epopeia *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões, devido ao olhar singular dado à questão do contato com o diferente, com o “Outro”.

Entre migrantes e Polifemos: um olhar sobre o estrangeiro

Estive em Lisboa e lembrei de você é dividido em três partes, as quais são denominadas “notas”, “como parei de fumar” e “como voltei a fumar”. Nessa narrativa, os leitores são imersos no mundo caótico da protagonista Sérgio de Souza Sampaio, mais conhecido pelos demais personagens secundários pelo seu apelido Serginho. A diegese caracteriza-se por conter um narrador homodiegético com perspectiva passando pelo personagem, o qual conta, utilizando uma linguagem coloquial, a sua vida em retrospecto por intermédio de um depoimento que ele concede à personagem “J.R”, a qual aparece apenas no início da narrativa e que poderia ter a sua identidade atribuída ao autor do romance, Luiz Ruffato. Em tal encontro, Sérgio descreve as desventuras pelas quais passou desde a sua decisão de deixar o Brasil e tentar reconstruir a sua vida na Europa até a sua atual condição como imigrante.

Por trás do tom cômico expresso no discurso da protagonista antes da sua viagem à Europa, reverbera-se a sua decadente situação pessoal e financeira em terras brasileiras. Além dele estar rodeado de pessoas aproveitadoras, Sérgio possui uma ex-mulher de “ideia fraca”, já é pai de um menino, está desempregado e praticamente sem dinheiro. Diante de tal situação, acaba decidindo utilizar as suas últi-

mas economias para imigrar para Portugal, iludido pelas palavras de um velho amigo português de que o país seria “O melhor lugar do mundo” (RUFFATO, 2009, p. 28).

Além disso, Sérgio é fortemente influenciado pelo pensamento dos humildes moradores do bairro em que reside, visto que eles comentam entre si que após ele passar uma temporada em Portugal e entrar em contato com “A alta cultura” (RUFFATO, 2009, p. 33), no momento em que Sérgio retornasse do exterior — culto e rico — não conseguiria mais “aturar o povo da Taquara Preta, sem educação, sem modos nem compostura, *desclassificado*” (RUFFATO, 2009, p. 33, [grifos do autor]). Nessa esteira, verifica-se que o seu casamento fracassado e o bairro pobre em que ele reside viriam a representar, por metonímia, a decadente vida que ele leva no Brasil, isto é, uma realidade sem perspectiva de crescimento e repleta de problemas. Por conseguinte, Portugal e todas as fantasias criadas no imaginário de Sérgio acabam se transformando na sua válvula de escape e no incentivo que faltava para ele embarcar em uma perigosa aventura rumo ao exterior.

A atitude tomada pela protagonista vai ao encontro das ideias que Stuart Hall (2003) postula ao teorizar sobre as razões que levam milhares de indivíduos a arriscarem suas vidas em busca da tão sonhada estabilidade financeira e de melhores condições de vida longe da sua terra natal. Consoante o autor: “a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades” (HALL, 2003, p. 28) estão entre os principais fatores que influenciam na decisão de se tornar ou não um imigrante. Nesse sentido, permanecer no Brasil significaria, para Sérgio, continuar convivendo em meio a um ambiente regido pelo signo do fracasso e sem qualquer oportunidade de crescimento, tanto pessoal quanto profissional.

Entretanto, quando a protagonista desembarca em Lisboa, a realidade com a qual ela se depara é completamente diferente da imaginada. Ao hospedar-se no “Hotel do Vizeu”, Sérgio relata a sua primeira impressão dos cidadãos portugueses e das redondezas onde mora:

[...] um bairro antigo pra caramba, de ruínas estreitas e casario maquiado, uma antiguidade tão grande que até as pessoas são passadas, velhas agasalhadas em xales pretos, velhos de boinas de lã subindo, descendo devagar o ladeirame, sem ar, escorados nas paredes, gente extravagante que parece uma noite deitou jovem e acordou, dia seguinte, idosa. (RUFFATO, 2009, p. 39)



Tomando por base o trecho acima, é possível verificarmos que o fato que mais chama a atenção de Sérgio é o caráter decadente de Lisboa, percepção essa refletida pela ênfase e na repetição que ele confere aos adjetivos “antigo”, “velho” e “idosa”, bem como pelo uso do substantivo “antiguidade” para descrever tanto as pessoas, quanto os lugares que observa. Nesse sentido, um primeiro momento de autorreflexão da protagonista é apresentado, ou seja, ao invés de encontrar pessoas jovens, saudáveis, bem-sucedidas e uma cidade moderna, Sérgio depara-se com um número significativo de pessoas idosas, doentes, pobres e imerso numa cidade que praticamente parou no tempo.

A tomada de consciência da protagonista se intensifica quando ela constata a dura realidade dos imigrantes que, assim como ele, advindos de ex-colônias do antigo império português, procuram estabelecer-se na Europa com a esperança de driblarem a pobreza que assola os seus países de origem. Desse modo, constata-se que no decorrer da narrativa, alguns imigrantes acabam ganhando espaço na

narrativa e, com isso, tomamos conhecimento dos seus dramas, fracassos e desejos pessoais.

Nesse contato com os outros estrangeiros, tais como guineenses, angolanos, ucranianos e até mesmo com outros brasileiros, vem à tona o verdadeiro submundo da grande metrópole portuguesa. Local este onde o preconceito, a violência, o tráfico de drogas, a prostituição e o trabalho exploratório ultrapassaram todas as fronteiras.

A respeito dessa questão, Hall também sublinha que no momento em que o imigrante se encontra em solo estrangeiro em busca de sobrevivência, ele pode esbarrar no preconceito, na discriminação e na violência alimentados por culturas que se sentem ameaçadas pela hibridização cultural. Diante disso, elas fixam-se em um modelo de identidade cultural que se quer homogeneizante, imutável e atemporal. Em outras palavras, tais culturas negam o processo de transculturação em prol do estabelecimento de uma pretensa identidade cultural uniforme.

Apesar do teórico afirmar que: “as identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera” (HALL, 2003, p. 25), o que examinamos no romance de Ruffato é algo distinto, isto é, ainda há um vigoroso enaltecimento de uma identidade cultural fixa, a portuguesa, e a desqualificação das demais identidades, a dos povos colonizados.

Tais observações são pontuadas quando Sérgio consegue um emprego de garçom no bar “O Lagar do Douro” e ele depara-se com as adversidades enfrentadas por Nino. Imigrante negro e pobre, oriundo da Guiné-Bissau, Nino é apenas mais um dos funcionários que caiu na rede de exploração de Anatólio, o português dono do bar. Além disso, o guineense também sofre com o implacável preconceito racial do seu patrão. Tal situação acaba aflorando a comoção de Sér-

gio, como pode ser verificado no excerto abaixo:

Nino, coitado, um guineense retinto, pau pra toda obra, que armava e desarmava as mesas, descarregava os legumes, as verduras, os peixes, os frutos do mar, as carnes, os vinhos, lavava o chão e as **casas de banho**, o primeiro a chegar, o último a sair, e mesmo assim tratado a pontapés, principalmente pelo Anatólio, que não escondia a aversão por **pretos**. (RUFFATO, 2009, p. 57, [grifos do autor])

Além da luta pela sobrevivência de Nino, muitos imigrantes descritos no romance recorrem à prostituição como um meio de sustento e sobrevivência, como é o caso da brasileira Sheila e da esposa do angolano Babtista Bernardo. Este, numa atitude desesperada, acaba alugando a sua própria esposa para custear os gastos da família e garantir o estudo dos seus filhos. Ao questionar sobre a impactante atitude tomada pelo angolano e sua esposa, Sérgio ouve como resposta de um desconhecido: “É a miséria, filho, a miséria” (RUFFATO, 2009, p. 54).

Situação semelhante é protagonizada pela brasileira Sheila. Tentando escapar da miséria pela qual passava no Brasil e diante da desistência em lutar pelos seus sonhos, decide ingressar em um recrutamento de mulheres para prostituírem-se na Europa. Todavia, ela possuía a pretensão de passar apenas uma temporada no exterior, adquirir o dinheiro necessário e retornar para o Brasil. Contudo, o sonho de riqueza fácil vai se tornando cada vez mais um pesadelo para a personagem e o seu retorno triunfal ao Brasil, uma mera ilusão.

No seguinte relato apresentado por Sérgio a respeito de Sheila, percebemos o forte preconceito e a exclusão social que ela enfrenta por ser uma prostituta, bem como o seu sentimento de nojo e repul-

sa por ter que, por extrema necessidade, ser tratada como uma mercadoria sexual para os seus clientes.

Mas detestava aquela situação, a verdade é esta, deitar com desconhecidos em troca de trinta, quarenta euros, ir mais de uma vez pra cama numa única noite e outras jornadas amargar sem freguesia [...] parecia que estava escrito na testa Prostituta, onde entrava, tratavam ela mal, aos **chutes e pontapés**, como se portasse **sida**, ou lepra, e então, conformada, recolhia no seu canto. (RUFFATO, 2009, p. 66-67, [grifos do autor])

Diante das situações apresentadas anteriormente, nas quais temos as descrições do preconceito, da exclusão social, da prostituição e da miséria, em *Estive em Lisboa e lembrei de você* também encontramos um nicho de mercado propício para mais uma exploração aos imigrantes, o empréstimo de dinheiro fácil oferecido pelos agiotas. Representado pelo angolano Senhor Almeida, o agiota defende a sua prática exploratória afirmando que tanto ele quanto os necessitados que recorrem ao seu empréstimo estão enfrentando as mesmas dificuldades, ludibriando, desse modo, os imigrantes realmente pobres por meio de uma falsa sensação de igualdade.

Ademais, conforme o angolano argumenta: “Não fosse eu, meu querido’, vários colegas, brasileiros, angolanos, guineenses, moçambicanos, cabo-verdianos, são-tomenses, estariam na miséria” (RUFFATO, 2009, p. 76). Aqui, vale ressaltar que embora a personagem secundária Almeida destaque a grande ajuda que ela oferece para os necessitados, é importante frisarmos que, por trás dessa aparente boa vontade e coração solidário, escondem-se a presença de juros abusivos e a cobrança implacável do dinheiro ofertado nessa modalidade ilegal de empréstimo financeiro.

Convém observar, a partir dos fragmentos apresentados, que

em *Estive em Lisboa e lembrei de você* temos a exposição de uma reconfiguração social expressa em níveis ou castas, as quais possuem como critérios de seleção não apenas os recursos financeiros dos indivíduos, mas também a sua condição migrante. No intuito de melhor compreendermos essa divisão social expressa no romance, é possível recorrermos às reflexões teóricas apresentadas pelo sociosemioticista francês Eric Landowski (2012).

Conforme os seus estudos apontam, da relação intersubjetiva entre o “Eu” e outro indivíduo diferente de mim, o denominado “Outro”⁴, cristaliza-se a noção da *alteridade* ou outridade. Nessa perspectiva, Landowski assinala que nesse jogo estabelecido entre semelhanças e diferenças, há um auxílio para que o “Eu” se constitua como sujeito, uma vez que, segundo o pesquisador:

[...] o que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a *alteridade do outro* atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. (LANDOWSKI, 2012, p. 4, [grifos do autor])

Na mesma esteira de reflexão, o estudioso sublinha que na relação interpessoal entre o “Eu” e o “Outro”, estabelecem-se a formação de dois grupos distintos. Temos, de um lado, o chamado grupo ou sujeito de referência; e, de outro, o grupo minoritário, sendo este representado pela figura do “Outro”. Ao analisar as diferentes relações entre esses dois conjuntos distintos, o sociosemioticista francês frisa que o denominado grupo de referência pode investir um conteúdo de caráter positivo ou negativo sobre o outro.

⁴ Nesse trabalho, o “Outro”, pontuado por Eric Landowski, está sendo representada pela figura do estrangeiro.

O pesquisador chama a atenção, ainda, para o fato de que o grupo de referência, ao apresentar uma imagem “hipostasiada, a ser preservada custe o que custar, em sua integridade – ou melhor, em sua pureza original” (LANDOWSKI, 2012, p. 9) e ao internalizar o uso do estereótipo como uma forma de desvalorização do “Outro”, a não aceitação da presença da sua diferença em meio a uma cultura que se quer homogênea torna-se o catalisador para a utilização de uma semantização negativa. Logo, tal artifício passa a ser utilizado como um modo de defesa pelos integrantes do grupo dominador através do uso de ameaças e das mais diversas formas de exclusão sobre o grupo minoritário, trazendo para o centro de discussão a dicotomia estabelecida entre a assimilação *versus* exclusão, bem como da segregação *versus* admissão.

Nesse processo, examinamos que no romance de Ruffato os dois grupos sociais teoricamente estudados por Landowski estão claramente presentes na diegese: temos o conjunto dos dominantes, representado pelos ex-colonizadores portugueses; e o dos dominados, composto pelos colonizados, os imigrantes. Contudo, é interessante notar que dentro do grupo dos marginalizados há subdivisões ou hierarquias bem definidas. Dessa forma, temos na figura do agiota o grande líder desse subgrupo, devido ao poder econômico que ele possui; posteriormente, vem o imigrante caucasiano advindo dos países europeus, seguido pelos demais estrangeiros que ainda possuem algum capital. Por fim, identificamos o grupo das prostitutas, dos imigrantes ilegais e, devido ao forte preconceito racial, o migrante negro ocupando a última hierarquia da classe dos dominados.

É sob esse cenário de pobreza, subdesenvolvimento e fortes divisões sociais que os imigrantes se deparam e têm de sobreviver ao aterrissarem em Portugal. Situações que acabam adiando ou dissi-

pando qualquer possibilidade ou esperança desses estrangeiros regressarem aos seus países de origem tendo conquistado as metas que os impulsionaram a percorrer os milhares de quilômetros que os separam da sua terra natal.

O reconhecimento dessa dura realidade apresentada no romance é intensificado no momento em que Sérgio observa vários imigrantes emocionados ao tentarem entrar em contato com seus familiares em uma pequena cabine telefônica, bem como pelo pânico expresso por eles ao constatarem a sua impossibilidade de retorno.

[...] ficava olhando praqueles pobre-diabos, africanos, árabes indianos, babel de raças e cores, se espremerem dois-três na mesma cabina de telefone, esgoelando, chorando [...] o desalento imigrante de quem sabe que nada serve dessa vida se a gente não pode nem mesmo aspirar ser enterrado no lugar próprio onde nasceu. (RUFFATO, 2009, p. 73)

Além de observar a situação delicada dos demais estrangeiros, a protagonista também se torna vítima das adversidades ou da sua ingenuidade. Após ter seu passaporte confiscado por um agiota na tentativa de ajudar a sua amiga Sheila, Sérgio é demitido para a contratação de um imigrante ucraniano, o qual, segundo os argumentos do seu chefe, possuía uma educação superior em comparação à brasileira, dominava variados idiomas e, o mais importante, apresentava uma mão-de-obra mais qualificada pelo mesmo custo.

‘Feitas as contas’, na ponta do lápis, mais sensato contratar um leste-europeu, e, além disso, ‘Não te ofendas, **pá**’, os fregueses preferem ser atendidos por um gajo louro de olhos azuis, ‘Eu cá até discordo, os brasileiros’, mais **cordatos**, mas o cliente é quem manda. (RUFFATO, 2009, p. 81, [grifos do autor])

Conforme apontamos anteriormente e reforçado nos excertos supracitados, o romance de Ruffato realiza uma profunda crítica social ao dramatizar em seus fios narrativos a supremacia social, cultural e racial atribuída aos portugueses e aos demais europeus quando postas em comparação em suas relações intersubjetivas com o “Outro”. Nesse sentido, a obra do escritor brasileiro nos remonta à epopeia camoniana *Os Lusíadas*, mais especificamente ao canto V e às estrofes 28 e 29, em que Vasco da Gama e os demais navegantes, em seu caminho em direção às índias, acidentalmente se deparam com um nativo ao desembarcarem na baía de Santa Helena.

Conforme o trecho abaixo aponta, todas as tentativas de comunicação entre os europeus e os nativos fracassam. Contudo, o que mais chama a atenção é o conteúdo expresso nessas estrofes, sobretudo o modo e os recursos utilizados por Vasco da Gama no intuito de tentar descrever o estranho indivíduo:

Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal **extremo**;
Nem ele entende nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto **Polifemo**.
Começo-lhe a mostrar a rica pele
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o **bruto** se movia. (CAMÕES, V, 28, p. 332, [grifos nossos])

Da interação entre o “Eu” e o “Outro”, temos, na citação acima, a descrição de um dos momentos de grande apreensão protagonizado pelos europeus e o desconhecido nativo, sendo este caracterizado pelo uso dos designantes “torvado”, “selvagem” e “bruto” para reproduzir o modo como o nativo se portava, e “extremo”, para reportar a inusitada situação em que ambos se encontravam. Além disso, outra característica que se sobressai é a escolha dos elementos

utilizados para pormenorizar o nativo. Na epopeia em questão, o texto de Camões estabelece uma relação intertextual com a *Odisseia*, de Homero, e retoma a figura do ciclope Polifemo, estabelecendo uma similitude com o primitivo.

Nessa perspectiva, torna-se importante recordarmos que o ser mitológico de Homero possui como principais marcas ter apenas um olho, ser um bruto (por residir em uma caverna), bem como um selvagem ou um monstro de baixo intelecto, visto que ele consegue, em um primeiro momento, aprisionar Ulisses e seus companheiros, todavia acaba sendo ludibriado pela inteligência do herói homérico. Por conseguinte, o conjunto de traços negativos atribuídos à caracterização do ciclope acaba sendo repassada ao não-europeu com o objetivo de criar, aos olhos civilizados, uma imagem de um ser asqueroso e extremamente perigoso.

Assim, se por um lado Polifemo foi utilizado em *Os Lusíadas* para ressaltar a não aceitação e o estranhamento com a diferença, por outro, ao examinarmos a caracterização do imigrante no romance de Luiz Ruffato, obtemos uma releitura da figura mítica homérica. Em outras palavras, os imigrantes são qualificados, sob o ponto de vista do povo português, como verdadeiros “selvagens mais que o bruto Polifemo” devido ao fato de que a sua grande maioria só possui olhos para o acúmulo de capital, aceitam trabalhar sob um regime de exploração constante, assim como sujeitam-se a coabitar em locais com péssimas condições estruturais e ambientes insalubres. Além disso, devido ao fato de que alguns se tornam assaltantes, prostitutas, contrabandistas e traficantes, a generalização criada e difundida entre os portugueses faz com que todos os estrangeiros que buscam um futuro melhor em solo europeu sejam encarados como uma possível ameaça ou Polifemos contemporâneos.

Interessante destacar que ao equipararmos a figura de um ser mitológico selvagem e de baixa perspicácia com a representação do estrangeiro expresso no romance, fica evidente que este igualmente assume a postura de um indivíduo fácil de ludibriar e que possui habilidades intelectuais limitadas. Tal afirmação pode ser verificada ao observarmos tanto a situação de Sheila, a qual é enganada pelas falsas promessas de dinheiro fácil no exterior, quanto a de Sérgio, que acaba sendo demitido justamente por não ter a formação superior que o imigrante ucraniano possuía.

Nesse sentido, por todas essas características acima expostas e atreladas à reprodução de um discurso de caráter fortemente determinista expresso pelo patrão de Sérgio, a identidade do imigrante que se dirige a sua antiga metrópole acaba adquirindo um valor e um peso metafórico fortemente negativo devido a depreciação da sua diferença. Por conseguinte, ao analisarmos a atual situação da protagonista, depreendemos que não há mais possibilidade de sucesso e lugar para ela, nem mesmo para o trabalho exploratório, uma vez que, como aponta um amigo brasileiro de Sérgio, “Nós estamos lacados [...] aqui em Portugal não somos nada, ‘Nem nome temos’” (RUFFATO, 2009, p. 78).

Considerações finais

A proposta inicial do presente artigo consistiu em analisar de que forma a situação dos imigrantes é representada no romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, bem como verificar que identidade lhes são impostas pelas demais personagens da narrativa.

No percurso da pesquisa, fomos imersos no ambiente caótico

da protagonista Sérgio de Souza Sampaio. Por meio dos seus relatos pessoais, percebemos a sua decadente situação pessoal e financeira em terras brasileiras, uma realidade que se figurava sem qualquer perspectiva de mudança e recheada dos mais variados problemas. Essa constelação de fracassos que assombram Sérgio acaba funcionando como a gota d'água para que o brasileiro decida embarcar para Portugal em busca de um futuro melhor e da tão sonhada estabilidade financeira.

Todavia, conforme o romance avança, verificamos que desde o momento em que a personagem coloca os pés em Portugal, vai se desenhando na narrativa a representação de uma Europa que não figura nos roteiros turísticos. Todas as vicissitudes reportadas por Sérgio possuem como pano de fundo uma Lisboa imersa na decadência, e é justamente nesse ambiente opressor que resplandece o submundo da grande metrópole portuguesa, na qual guineenses, angolanos, ucranianos e brasileiros protagonizam a árdua luta pela sobrevivência.

Evidenciamos, também, que na narrativa de Ruffato há uma forte crítica relativa ao enaltecimento e à busca pela conservação de uma identidade cultural fixa por parte do povo português, o qual, além de negar o processo de transculturação, desqualifica as demais culturas e toma vantagem, das mais variadas formas possíveis, da situação delicada na qual os estrangeiros se encontram. Nesse sentido, visualizamos na diegese uma reconfiguração social baseada não somente pela disponibilidade de recursos financeiros do indivíduo, mas também pelas variadas condições e situações do migrante, formando, dessa forma, uma cadeia exploratória estabelecida entre europeus/imigrantes e entre imigrantes/imigrantes. Logo, a identidade do estrangeiro que se dirige a sua antiga metrópole adquire um valor

e um peso simbólico fortemente negativo devido à depreciação e não aceitação da sua diferença.

É sob esse ambiente regido pela pobreza, pela indiferença e pelos acentuados contrastes sociais e culturais que Sérgio não esperava encontrar ao decolar do Brasil e aterrissar em terras portuguesas. Desse modo, temos no livro de Ruffato a problematização de um conceito de nação que não se quer entendida, como bem assinala Tania Franco Carvalhal, “como uma construção mosaica, multiforme e heterogênea” (CARVALHAL, 1997, p. 297). Muito pelo contrário, o romance discute práticas intersubjetivas que desqualificam o dessemelhante e que ainda primam por um modelo de identidade cultural envolto por um núcleo ou desejo de imutabilidade e atemporalidade. Com isso, em *Estive em Lisboa e lembrei de você* temos um alerta para o fato de que diferentemente do que imaginamos, as fronteiras, tanto em seu caráter cultural quanto geográfico, ainda continuam muito firmes e fechadas devido a ojeriza à hibridização cultural.

A exceção a essa regra acaba recaindo sobre a figura do turista, o qual, pelo seu poder econômico, encontra as fronteiras sempre abertas. Situação que não se repete para aqueles que viajam em busca de sobrevivência. Para estes, além de se depararem com limites ainda bem selados pelas barreiras do preconceito e da exclusão social, os que ainda se arriscam em ultrapassá-las devem estar preparados a ser comparados pelos seus antigos colonizadores como verdadeiros “selvagens mais que o bruto Polifemo”.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. **Budapeste**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CAMÕES, Luiz de. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1989.

CARVALHAL, Tania Franco. A nação em questão: uma leitura comparatista. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **Nações/narrações**: nossas histórias e estórias. Porto Alegre: ABEA, 1997, p. 293 – 303.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 25 – 50.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MIRANDA, Ana. **Amrik**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NOLL, João Gilberto. **Berkeley em Bellagio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

RUFFATO, Luiz. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZAMBERLAN, Lucas da Cunha. **A velocidade e a simultaneidade na configuração fragmentada da URBE em Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato**. 105f. Mestrado em Letras (Universidade Federal de Santa Maria), Santa Maria, 2014.

Recebido em 06/03/2017

Aceito em 04/11/2017